

Contestado: tropos, roteiros, imagens e linguagens

*Arlene Renk, Adiles Savoldi**

Resumo

O texto tem por objetivo analisar o Contestado (1912-1916), na sua positividade, extrapolando a dimensão da história oficial. Esta positividade também se faz presente na luta dos grupos étnicos, das cidades, dos mediadores culturais, interesse da revivescência turística.

Cada cidade sonha e desenha seu itinerário particular a respeito do Contestado. As cidades incorporaram o Contestado como símbolo de catarinidade, dando visibilidade e legitimidade às narrativas. Os mediadores culturais lutam e disputam pela “verdadeira” versão de suas narrativas.

Palavras-Chave: Contestado, cultura, história.

Introdução

Tratamos aqui de um Acontecimento, o Contestado, que nos últimos decênios recebeu marcas de positividade¹. Ora tomado como precursor dos movimentos sociais, dentre os quais o do sem-terra, noutra momento como emblema, do ponto de vista da militância popular e do estado². Houve e há leituras e interpretações ao avesso das versões 'oficiais'. Deverá render trabalhos acadêmicos, folclóricos, turísticos e outros mais. Uma forma de sua evidência foi a inserção nos conteúdos escolares. Esteve na pauta da filmografia, dramaturgia e indústria fonográfica. Teses de doutorado e dissertações de mestrado debruçaram-se em estudá-lo³. Surpreende-nos sua revivescência. Foi escolhido, na década de oitenta, como um dos símbolos de catarinidade. Áreas de conhecimento, cultura popular, enfoques complementares, enfoques cruzados, pode constituir-se numa bricolagem. Bricolagem que faz nexos com a semântica do acontecimento (GUIMARÃES, 2000)⁴. Revivescências se criam, copiam, transmutam em alquimias sociais para os diversos usos.

Afinal, o que foi o Contestado? Poderíamos utilizar a metáfora da carta, servindo de pretexto e textos aos diversos destinatários visíveis ou invisíveis⁵. Não único remetente. Cada texto tem um remetente e destinatários. O autor pode ter em mente um leitor, mas não exerce o controle da interpretação que sua carta causará. As produções são materializadas em 'corpus', monumentos, memórias, de leituras e interpretações muitas vezes 'parciais', conforme o remetente, não atingindo a alma do leitor.

Neste caso, em particular, tomemos algumas invariâncias do Contestado: a descentralização política, com a República, que outorgou maior autonomia aos estados; a disputa da divisa entre Santa Catarina e Paraná, o que implicaria a reconfiguração geográfica dos mapas; as ações do Sindicato Farquhar⁶ e a expulsão da população ao longo da ferrovia SP-RS, conforme a concessão de terras (ocupadas) em troca da construção da estrada; o milenarismo;

disputas políticas entre frações fazendeiras locais; a separação do Estado da Igreja com a constituição republicana e as relações assimétricas entre monges e clero oficial católico; a disputa entre coronéis/caboclos (com clivagens internas); adesão ou retirada das “gentes do coronel” ao movimento e a subalternidade da “população cabocla”.

A semântica do acontecimento

Foi o grupo de estudiosos paulistas⁷ quem rompeu com a trilogia de Taine⁸ para explicar o Contestado. Hypolite Taine, estudioso francês, partia do princípio que o meio (a terra), explicaria o homem (produto dessa terra) e, em consequência, teríamos o acontecimento. Cabe lembrar que a perspectiva de Taine diferenciava-se do determinismo geográfico de Ratzel. Para Taine, o acontecimento só se explicaria pelo homem em determinado espaço geográfico. O caso exemplar do uso desta trilogia no Brasil foi Euclides da Cunha, em **Os Sertões**. Outros autores seguiram estas pistas e referiam-se à perspectiva ou ao *modelo euclidiano* (que poderia ser nosso Taine nos trópicos, por que não?). Mesmo aqueles que não se valeram da trilogia lembram que “o sertanejo é antes de tudo um forte”, referindo-se aos personagens do Contestado. Respeitemos quem o seguiu e quem julga esta a possibilidade de interpretação.

Centremo-nos no Acontecimento. A primeira pergunta seria: quais os nomes atribuídos ao Contestado? Melhor dito, Contestado é complemento de algo, ou o fidalgo (etimologicamente): Questão, Campanha, Movimento, Guerra e Guerra Santa, Movimento Messiânico, o Homem do Contestado, dentre outros.

Do ponto de vista oficial, acontecimento tem uma temporalização (1912-1916). A vivência e as lembranças não se enquadram em calendários e ampulhetas. A rememoração do enunciado ocorre em uma nova temporalidade, que remete à linguagem. Temporalidade sem linguagem não existe. É o vazio.

Vale tomar os escritos como alusão à metáfora da grande carta ao destinatário visível ou invisível. Inserem-se aqui os escritos de Guido Sassi. Nos anos de chumbo Silvio Back foi destinatário de **A Guerra dos Pelados**⁹. Se a morte não tivesse interrompido o trabalho de Rogério Sganzerla¹⁰, seríamos contemplados com mais um filme sobre o Contestado. Como “carta aberta” a versão de Schüller Sobrinho (2000) é singular. Como expressa, faz uma associação, uma viagem antropológica, mostrando que o homem do Contestado teria suas raízes nos povos berberes, com os mouros. Estabelece analogias ao beduíno e ao caboclo, as miragens do deserto e os verdes campos. Nas taipas, característica da cultura e arquitetura berbere, estaria a origem do homem do Contestado.

Ao lado de trabalhos com chancela de instituições acadêmicas, temos outras que se auto-inscreveriam como sérias (o sentido da seriedade é sempre disputado); temos panegíricos, loas, elegias, epopéias, peças teatrais, monumentos, estórias e histórias¹¹. De certo modo a inserção do Contestado na agenda catarinense incluiria, junto com Anita Garibaldi e a República Juliana, o panteão de heróis (anônimos).

O Contestado foi uma das propostas de catarinidade inscrita na agenda do primeiro governo de Esperidião Amin¹². Sob a ótica da Semântica do Acontecimento não podemos ignorar as diferentes apropriações e significados atribuídos pelos leitores da grande carta¹³. Há a indissociabilidade entre o Contestado e o catolicismo popular. O inverso não é verdadeiro. Se num momento, aquele e a crença nos monges receberam críticas severas da Igreja Católica, na contemporaneidade uma fração do clero tem contribuído para revitalizá-lo, em alguns aspectos, dentro da perspectiva de inculturação¹⁴.

Trata-se de abordar como é apropriada regionalmente a figura/emblemática de João Maria Agostinho, ou seja, como ocorreu a canonização popular deste santo. Não se trata de figura exclusivamente da região, a literatura nos diz que havia deslocamentos de Sorocaba, ao Paraná (Lapa e a Gruta dos Monges), Santa Catarina

e ao Rio Grande do Sul. É figura também presente entre a população Kaingang.

O catolicismo oficial, cujo porta-voz era o Frei Rogério Neuhaus, tomou o catolicismo popular e a posição dos monges como herética. Por ocasião do Contestado, o oponente e desafiador da Igreja era o Monge José Maria que se dizia irmão de João Maria. O embate com coronéis catarinenses e com a o clero católico ocasionou o deslocamento a Irani, onde ocorre a morte de José Maria e desencadeia-se a ação da 'guerra santa'. De que capitais (materiais, simbólicos) se valia José Maria? De um lado, legitimava-se como irmão de João Maria, e, por conseqüência, haveria a transferência de seu carisma; de outro lado, de poder político como inimigo do coronel Albuquerque, solapando sua base clientelística. O antagonismo do catolicismo oficial pode ser vislumbrado na postura dos frades franciscanos alemães do planalto serrano, principalmente pela atuação de Frei Rogério Neuhaus. Para este, a região do planalto serrano catarinense seria uma terra de missões tal qual a China e a África (QUEIROZ, 1957).

A escolha de um nome é por excelência atributo carregado de significado. Os aspectos semântico-enunciativos de homenagem ao religioso, que se opunham aos "Joões" e "Josés Maria", está na designação de seu nome em colégios, hospitais, instituições e meninos. Nominar, neste caso, é um ato de reverência ao Frade. Ser um Rogério e carregar este nome (atribuído pelos pais) é uma homenagem e um limite simbólico entre a elite e os caboclos. Estes, em proporção bem menor a dos Rogérios, nominavam alguns com a designação de José Maria ou João Maria. A comparação destas duas designações não deixa de entrever formas elementares de poder, pelo ato de nomear e a quem nomear.

A distância entre a Igreja oficial e os monges leva-nos a Weber (1991). No caso em estudo, os monges seriam análogos aos profetas que se opõem ao corpo eclesiástico e à hierarquia da Igreja. Além disto, houve disputa pelo monopólio dos bens de salvação e pela clientela. Se à frente do combate do Contestado punha-se a figura

do Monge José Maria, no imaginário e na revivescência surge João Maria, melhor dito, São João Maria, como consta de sua canonização popular. A díade Contestado/João Maria ora é e contígua; ora podem ser apreciada separadamente. Num momento imbricam-se religião e política, noutra arregimenta-se o religioso. A figura do último foi tomada como antítese à de José Maria.

Não é objeto deste texto abordar a religiosidade e como é vivenciada pelos seguidores do Monge João Maria. Interessa-nos aqui de que modo os recursos imagéticos, terapêuticos e da crença em geral legitimam a tradição, a invenção desta e as ressemanti-zações.

Dentre as conseqüências desencadeadas pelo Contestado, além do desenho do mapa catarinense, esteve o processo de legalização de terras e de colonização, o que, em parte, representou a expulsão dos caboclos.

A diáspora cabocla (findo o Contestado) implicava ir adiante, em área não-colonizadas ou “ir ao Paranan” que, no dizer de Said, seria uma geografia imaginada. Poderia ser a unidade federativa ou outra área espalhada na floresta.

Atualmente, acontece uma reagrupação simbólica com a reativação do catolicismo popular, na figura das marcas materiais de Monge João Maria. Ao contrário da reverência a outros santos ou mortos canonizados popularmente (SAEZ, 1996), que têm uma sepultura como ponto de encontro, neste caso, a “rede” estabelece-se pela adesão à crença partilhada. Se um tem um local específico, o outro terá inúmeros, expressos em cruzeiros, em fontes d’água, nos olhos d’água, nas chamadas ‘águas santas’, onde João Maria teria posado e, por conseqüência, estas águas teriam efeitos terapêuticos e utilizadas para os batismos em casa (mesmo que à revelia do rito da Igreja Católica). Melhor dito, para um segmento populacional, aquele que se vale do catolicismo popular, poderia ser tomado como um ponto comum de uma identidade aglutinada em torno do conjunto de crenças do catolicismo popular. O roteiro do percurso do andarilho estaria por se fazer. Pode ser tomado como uma territorialidade, a partir do sentido atribuído e do vivido. Pode ser

tomado como deslocamentos, a um tempo passado e com profecias do futuro. Insere-se aqui o papel dos mediadores culturais em exercer a mediação (Vovelle, 1986), quando recolhem, compilam, organizam e dão corpo às rezas e às profecias de João Maria.

O movimento de revivescência não vem sozinho. No âmbito global temos os exemplos clássicos, como o dos irlandeses aprendendo o gaélico, dos escoceses legitimando a invenção dos *kilts*. Para não ficar só no exterior, olhemos aos pataxós, na Bahia ou em Pernambuco aqueles que redescobrem suas raízes de cristãos-novos. No âmbito regional, caminha paralela à etnicização desencadeada por descendentes de alemães, italianos e poloneses. O estatuto desta revivescência é pública, tornada emblemática e oposta à dimensão recôndita de outrora.

Os mediadores valem-se de recursos imagéticos reproduzindo as fotos e estampando camisetas com João Maria. Fonograficamente recupera-se ou inventa-se músicas cantadas nos redutos ou aquelas que exaltam as virtudes dos caboclos. Várias fontes de água foram demarcadas como locais de pouso do monge. Instalaram-se cruzeiros. Inclusive proprietários não-caboclos delimitam área e permitem peregrinações às fontes. Enfim, o uso de imagens e objetos sacros no âmbito privado tem a ver com a fé, a distintividade em relação ao catolicismo oficial e em relação ao pentecostalismo. No entanto, o uso público, seja na história dos municípios ou em outros eventos, remete a uma ancestralidade e daria um caráter de antiguidade. Não deixaria de ser um sinal diacrítico em relação aos municípios novos que não o teriam.

Leituras do passado, visões do presente

O passado é a matéria-prima sobre a qual se debruçam diferentes grupos para organizar, selecionar os fatos constitutivos da sua história. Halbwachs (1990), em sua obra "A memória coletiva", destaca que o passado é sempre reconstruído, de acordo com os conflitos, tensões, normas e problemáticas do presente.

A organização da memória e a reordenação da tradição com renovação e reinvenção dos fatos para consumir a nova ordem possibilita e aspira a publicidade dos mesmos. Tornar público implica conduzir o olhar, traçar uma linha condutora tanto no sentido cronológico como dos mapas cognitivos que se quer imprimir. Cabe salientar que a leitura que os diferentes visitantes farão não é homogênea. Mesmo que se procure ordenar os fatos para melhor legitimar a história para o olhar da alteridade, é necessário, inicialmente, uma apropriação interna, para posteriormente, torná-la pública.

Maria Cristina Rocha Simão (2001) revela que a preocupação em preservar o patrimônio cultural no Brasil é do início do século XX. As transformações sociais e econômicas que a sociedade vem sofrendo afetam a arquitetura e o modo de viver da população. “É no bojo dessas grandes transformações que surge a preocupação com a preservação dos monumentos do passado” (p.24). A autora faz referência à obra de Dourado (1989, p. 70):

“não é estranho, pois pensar que a mesma cultura que gestou a modernidade tenha ela própria nutrido as primeiras experiências no campo da preservação dos monumentos históricos. De fato, só pode ser lembrado aquilo que previamente foi esquecido”. Essa preservação não pode ser dissociada do fenômeno do turismo, mesmo que suas discussões sejam recentes.

Para Banducci Jr. (2001, p. 23)¹⁵”

O turismo é um fenômeno extremamente complexo, mutável, que opera de múltiplas formas e nas mais diversas circunstâncias, sendo difícil apreendê-lo, em sua totalidade, por meio de uma única perspectiva teórica ou mesmo de uma única ciência.

A complexidade do turismo produz/cria e recria culturas e identidades/etnicidades e símbolos. O contestado vem sendo contestado, narrado por diferentes grupos em diferentes

circunstâncias e condições de edificar, imprimir sua história no espaço. Na contemporaneidade percebemos uma revivescência da etnicidade.

O turismo propicia a reflexão sobre a história, símbolos e significados que são construídos e reconstruídos a partir das relações sociais. Na contemporaneidade, a espetacularização das diferenças têm revelado uma busca frenética pela singularidade dos grupos, lugares, histórias. As diferentes etnias lidam de maneira peculiar com o tempo e a história, e da mesma forma qualificam o patrimônio de acordo com seus valores. A memória é selecionada no sentido de revelar apenas os aspectos que os grupos consideram importantes e dignos. Neste sentido, concordamos com Steil (2004), que o encontro entre nativos e turistas se constitui um espaço de negociações e trocas culturais.

A população cabocla do Oeste catarinense tem construído sua história ancorada nas leituras das histórias de vida dos ancestrais e seus relatos sobre o Contestado. Esta contra-história do Contestado revela a valorização dos múltiplos sinais diacríticos adotados para estabelecer uma diferenciação étnica no Oeste catarinense. A solidariedade em oposição à aspereza do cada um por si capitalista do “outro”¹⁶. As festas caboclas são realizadas sob a ótica da partilha, sentimentos de solidariedade e desprendimento são características expressas publicamente. As músicas revelam a saga da expropriação, mas evidenciam a não-rendição ao sistema do “outro”. Os alimentos são compartilhados, cada um oferece o que pode, com isto não há constrangimento para quem não tiver algo considerado ideal para oferecer. A religiosidade nega a mercantilização é em torno de interpretações bíblicas que os sinais diacríticos de solidariedade e respeito vem sendo solidificados.

A população cabocla denomina essa retomada das práticas culturais como o “resgate da cultura cabocla” que fora oprimida por um sistema que não apenas os expropriou economicamente, mas deslegitimou suas práticas e valores. A retomada, embora ainda tímida, vem se consolidando como uma forma de valorização da

identidade cabocla. A festa em homenagem ao Divino Espírito Santo, recupera a bandeira do Divino, que por muitos anos permaneceu apenas como lembrança viva do passado. Agora com as marcas do tempo impressas em seu tecido, ela ressurge como aposta de um futuro vivo da saga de um grupo que reinventa sua positividade. Se houve um tempo em que ser caboclo era sinônimo de negatividade, estigma, hoje o próprio grupo ressignifica o estigma em emblema de positividade. O que está sendo contestado agora é o direito de ser diferente com dignidade tanto no plano político como econômico e cultural.

O Contestado é disputado agora por diferentes visões que ora se encontram em torno do mesmo tema, ora se perdem em diferentes roteiros, imagens e linguagens. A luta simbólica travada pela imposição de significados pode conduzir grupos étnicos, dirigentes políticos, cidades, museus, a desenhar novos contornos ao Contestado. O turismo pode conduzir os turistas por diversos portais com diferentes imagens e linguagens. Cada cidade traça seu itinerário particular, dando relevo a fatos, monumentos, enfim, incorporando o Contestado como um símbolo de catarinidade e, fundamentalmente, procurando dar visibilidade e legitimidade a sua narrativa. Com isto destacaremos aqui os exemplos mais significativos do modo como o Contestado vem sendo expresso em SC.

O Portal de turismo do estado diz que em São José do Cerrito¹⁷ o feijão é a principal riqueza do município que reverencia São João Maria de Agostinho, símbolo do Contestado. O município de Frei Rogério, colonizado principalmente por japoneses, até 1995 foi distrito de Curitibaanos. Na página do município¹⁸, contudo nada remete ao frade franciscano. Todas as referências são à cultura nipônica. Há um silêncio em relação ao frade franciscano. Curiosamente, ocorre o contrário dos nomes atribuídos pela elite serrana, homenageando-o.

Em Santa Catarina, uma das primeiras romarias da Comissão Pastoral da Terra foi à Taquaruçu, escolhida pela dimensão simbólica que representou no Contestado. Taquaruçu era um dos redutos,

no qual viveram os “pelados”, lutando contra os “peludos”. O ingresso no reduto prometia o reino encantado de vida sem trabalho e partilha coletiva, próxima às relações encantadas (BOURDIEU, 1963) sem a universalização das trocas mercantis.

Curitibanos conta sua história amparada e legitimada por museus e o monumento do monge, construído no olho d’água. Caçador se apresenta como referência da Guerra do Contestado. Existe no município o Museu do Contestado, mantido pela UNC - Universidade do Contestado. Outro referencial é a paisagem reconstruindo trechos da ferrovia. Embora muito se tenha ainda a fazer para “preservar” as trilhas de Percival Farquhar.

Irani, cidade que se intitula “memória viva do Contestado”, escolhe o dia 22 de outubro como Dia do Jagunço. Lá acontece a Festa do Contestado, encontra-se o Sítio Arqueológico do Contestado e o Cemitério do Contestado, no qual estariam enterrados José Maria e seus seguidores. A cidade ostenta o símbolo do Contestado, representado pelas mãos devotas do trabalhador. Reproduções deste símbolo espalham-se pelo território. Uma das maiores empresas de transporte coletivo do estado, com sede em Caçador, vale-se do símbolo edificado em Irani.

A UNC apresenta uma disciplina em seu currículo a respeito da temática. As marcas do Contestado hoje podem ser vistas a partir de divulgação turística, em diferentes instituições, os municípios incluem suas manifestações em suas agendas.

A demarcação da história dos símbolos e sinais vem se constituindo. Os rumores já evidenciam resultados de pesquisas que investigam fazendas com cruzeiros que seriam de João Maria. Perseguem as narrativas dos caboclos sobre as fontes, a demarcação dos cruzeiros e fontes vem inaugurando novos olhares e linguagens sobre o Contestado.

Á medida que as pesquisas indagam: quantos e quais eram os itinerários dos monges, podemos da mesma forma indagar: quantos roteiros, imagens e linguagens ainda irão surgir para expressar o Contestado?

Notas

*Antropólogas, professoras da Unochapecó

¹Vários predicados foram empregados. Ora aberração de fanáticos, ora jagunços, ou portadores de patologias muito próximas às teorias de Lombroso.

²Talvez seja exagerado falar de militância estatal. No entanto, a trajetória de leitura nos remete a Peter Fry, ao abordar a conversão da feijoada de alimento de escravos em prato nacional. Independente de partidização, os governos investiram em imprimir em Santa Catarina a marca do Contestado, a exemplo do que fora feito com Anita Garibaldi, no século XIX, no sul do estado. No caso do Contestado, foram cautelosos em abordar a suposta Monarquia Sul Brasileira, muito questionada. Na gestão de Esperidião Amin, nos anos oitenta, o Contestado foi adotado como um dos símbolos de catarinidade. Esta atitude seria um caso exemplar do que chamamos de militância estatal. Schüler Sobrinho (2000) dedica **Taipas** origem do homem do Contestado – O caboclo, ao “Governo do Estado de Santa Catarina, por ter permitido que os olhos ficassem abertos e; que a paisagem não fosse adormecida pelas brumas do esquecimento e que o brotar dos acontecimentos do Contestado seja constante e perene, porque é uma raiz cravada no peito, na fonte dos rios, no leito das cercarias, e que foi origem de todos os bravos e de todos os heróis”. Como contradição, o governador Amin prefacia.

³Dissertação de Mestrado de Tereza Dill é um exemplo do estudo da historiografia do Contestado.

⁴A semântica do acontecimento não aborda o Contestado. Apropriação e analogia são por nossa conta.

⁵“Pois que toda a literatura é uma longa carta a um interlocutor invisível, presente, possível ou futura paixão que liquidamos, alimentamos ou procuramos. E já foi dito que não interessa tanto o objecto, apenas pretexto, mas antes a paixão; e eu acrescento que não interessa tanto a paixão, apenas pretexto, mas antes o seu exercício” (BARRENO *et alii*, 1974, edição brasileira). Ao publicar **As novas cartas portuguesas**, no período da ditadura portuguesa, as três Marias (autoras da obra) foram presas. De pouco valeu a vigilância do Estado, neste caso. Palavras sensíveis cortam mais que navalhas afiadas.

⁶Mad Maria, mini série da Rede Globo, emprestou Tony Ramos para representar o personagem Percival Farquhar.

⁷Não seria sinal de nossa colonização intelectual?

⁸“Tantas histórias / tantas questões” (BRECHT, 2000, p 166)

⁸Douglas Monteiro (1974), Maria Isaura Pereira de Queiroz (1957) e Mauricio Vinhas de Queiroz (1966).

⁹Abele Casarotto, da Unoesc/Campus São Miguel do Oeste, defendeu sua tese de doutorado em literatura brasileira, estudando o romance de Sassi e o filme de Back. Registre-se que na filmografia não fomos colonizados. O título do filme de Back remete à uma semiologia política, que foi um dos divisores ‘nós pelados’ e ‘eles peludos’.

¹⁰O cineasta dirigiu um dos clássicos brasileiros **O bandido da luz vermelha**.

¹¹O avesso da publicização nos leva a levantar a hipótese de que se torna tabu questionar qualquer aspecto do Contestado. Parece-nos que, fora dos trabalhos acadêmicos, foi construída uma hagiografia e unicamente um herege ousaria questionar. Hipótese. Como diriam alguns antropólogos: bom para pensar.

¹²Outras marcas gráficas podem ser encontradas na luxuosa publicação iconográfica, nominada Contestado (1987), ou seja, já no governo do oponente de Amin. O volume da maior iconografia reunida só foi publicado no governo de seu opositor. Pelo sim, pelo não, não houve a memorização esperada. Traz as chancelas da Fundação Catarinense de Cultura e da Fundação Roberto Marinho.

¹³Para não deixar o texto tão sisudo, uma ilustração pode ser encontrada no filme **A vida de Brian**. O pregador dizia: “bem-aventurado os mansos”. Alguém da platéia não entendia o que os gansos tinham a ver com a história. De muitos mansos e gansos se faz trilhas, encruzilhadas e redemoinhos.

¹⁴Thomé (1987, p. 146/7) afirma: “A Igreja Católica, poderosa e onipresente, aprendeu sua lição, por ter tentado utilizar métodos de evangelização ortodoxos numa população inculta, e por não ter, desde o início, apoiado as manifestações dos oprimidos. Mais paróquias foram criadas, mais templos foram construídos; vieram mais padres, que agilizaram as visitas aos interiores do Contestado. Mas, com todo respeito, saía o religioso pela mesma porta que entrava, pouco acrescentando à fé rústica: o caboclo ainda venerou por muitos anos o seu santo, o ‘são’ João Maria – e até hoje guarda o retrato e os patuás em suas casas. A conversão demorou, acontecendo bem devagar, à medida que os sertanejos foram se sociabilizando e se aproximando das cidades ou mesmo dos povoados rurais, com os quais passaram a vizinhar com o avanço dos colonos. Como território, o Contestado não existe mais; e como acontecimento, já está bastante esquecido na história. Mas, como assunto, continua aberto à discussão. Sabemos que muito há para descobrir, pois nem tudo foi revelado; há lacunas no passa do a preencher, fundamentais para a melhor compreensão do tema.”

¹⁵As discussões científicas sobre o turismo são recentes. De acordo com Banducci (2001), foi na década de 1960 que surgiram os primeiros trabalhos sobre este tema nas ciências sociais, em especial na Sociologia e Antropologia. Na Geografia, localizam-se trabalhos em 1905, mas somente após a década de 1960 é que o turismo ganhará destaque. O enfoque de abordagem dos estudos sobre o turismo é muitas vezes “considerado como algo bom ou ruim, não como um tema a ser estudado simplesmente, a ser entendido de um ponto de vista científico” (NASH, 1996, p. 81 apud BANDUCCI, 2001, p.26). Banducci (2001) ao analisar as distintas abordagens do turismo faz referência à classificação do antropólogo norte-americano Jafar Jafari (1990) sobre as quatro plataformas adotadas para conceber o turismo. A primeira é a “Plataforma de defesa” que evidencia o caráter positivo do turismo, os protagonistas desta plataforma seriam os especialistas e economistas, agentes promotores do turismo. A segunda perspectiva é a “plataforma de advertência” que procura evidenciar os problemas sociais e ambientais oriundos do turismo. Os representantes aqui são pesquisadores das ciências sociais, movimentos religiosos, movimentos políticos, mídia. A terceira perspectiva é a “plataforma de adaptação” que questiona os estudos que evidenciam o aspecto negativo do turismo sobre as sociedades, propondo a viabilização de um turismo alternativo com um impacto menor que o turismo de massa. Os autores que se propõem a pensar o turismo no sentido de superar o viés maniqueísta são classificados como a “plataforma do conhecimento”. “Nesta linha estão os trabalhos de MacCannell (1999), Jafari (1987), Nash ((1981; 1996), Crick (1989), Nuñez (1995), Graburn (1995), Urry (1996)”, (BANDUCCI, 2001,p.30).

¹⁶A identidade étnica se constitui relacionalmente, os caboclos acionam sua identidade em oposição aos colonos imigrantes europeus.

¹⁷A colonização da região começou no Século XIX, com a ocupação e exploração dos campos de Lages pelos bandeirantes paulistas. Os fundadores de Cerrito foram os políticos da época – Anacleto da Silva Ortiz, José Otávio Garcia, Cirilo Antunes Pereira, Dorgelo Pereira dos Anjos, Vidal Gregório Pereira, Sebastião da Silva Ortiz, João Camilo Pereira e dom Daniel Ostin, bispo da diocese de Lages. Apesar da fundação ter ocorrido no local da primeira capela, construída próxima ao Rio Caveiras, foi formada uma comissão distrital para definir a sede. Por muitos anos, o município usou o nome de Caru, para lembrar as profecias de João Maria de Agostinho, monge da Campanha do Contestado – ele acreditava que o nome “Caveiras” faria com que mais e mais pessoas morressem afogadas nas águas profundas do rio. Por isso, os moradores passaram a chamar a localidade de Caru, nome de origem indígena que significa “forte e corajoso”, como o rio. Mas, em 1953, o Executivo da comarca de Lages recebeu a proposta do Legislativo para voltar ao antigo nome, São José do Cerrito, em homenagem ao patrono da primeira capela, São José. Padroeiro do município, reverenciado em 29 de junho, com festa popular.(www.gov.br/portalturismo).

¹⁸(capturado em 03 de junho de 2005, no sítio www.sc.gov.br/portalturismo)

Referências bibliográficas

BANDUCCI JR, Álvaro e BARRETTO, Margarita (Orgs.) **Turismo e identidade local** - Uma visão antropológica. Campinas-SP : Papirus Editora, 2001

BARRENO, Maria Isabel *et alli*. **Novas cartas portuguesas**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1974.

BOURDIEU, Pierre. **Travail et travailleurs en Algérie**. Paris: Mutton, 1963.

DILL, Teresa Machado da Silva. **Contestado, historiografia e literatura (1980-2001)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2004.

FRY, Peter. **Para inglês ver**. Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FERRARA, Lucrécia D'Álessio, Espaço, lugar e percepção. O turismo dos deslocamentos virtuais. In: YÁZIGI, Eduardo et all. **Turismo, espaço paisagem e cultura**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA/ FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **CONTESTADO**. Rio de Janeiro: Index, 1997.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo : Vértice Editora, 1990.

LUZ, Aujor Ávila da. **Os fanáticos** – crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos. (contribuição para o estudo de antropossociologia criminal e da história do movimento dos fanáticos em Santa Catarina). 2. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

MONTEIRO, Douglas. **Os errantes do novo século**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

MARCON, Telmo. **História, memória e cultura**. Chapecó: Argos, 2003.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **La Guerre Sainte au Brésil**; Le Mouvement Messianique du Contestado. São Paulo: USP, 1957.

VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. **Messianismo e conflito social**; a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SÁEZ, Oscar Cavilia. **Fantasma falados** – mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas: Unicamp, 1996.

SIMÃO, Cristina Rocha. **Preservação do patrimônio cultural em cidades**. Belo Horizonte : Autêntica, 2001.

SCHÜLER SOBRINHO, Octacílio. **Taipas** - origem do homem do Contestado. Florianópolis: Letras Contemporâneas, (2000).

STEIL, Carlos Alberto. Antropologia e turismo **Horizonte Antropológico**. UFRGS. IFCH. PPGAS. Ano 9, n. 19. Porto alegre, 2003.

THOMÉ, Nilson. **Trem de ferro**: a Ferrovia no Contestado. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

VOVELLE, M. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

WEBER, Max. **Economia e sociedade** (volume I). Brasília: UNB, 1991.

Abstract

The article analyses the different versions about Contestado (1912-1916). We take it as a positivineeness signs, out of de oficial story.

It also reflects the pressure of ethnical groups, cities and cultural brokers associated to interest of the revival turism. Either city dreams and draw a particular itinerary about the Contestado. They ar incorporaring the Contestado as Santa Catarin symbol and giving visibility. The cultural brokers fight to give the legitimacy and visibility of the "true" narrative.

Keywords: constestado, culture, history.